

**BREVE ANÁLISE DO CONTO “A SALGA”,
DE PEREGRINO JÚNIOR**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Ewerton Luis Faverzani Figueiredo (UFAC)

ewertonfaverzani@gmail.com

RESUMO

Através da literatura somos levados a conhecer, de forma prazerosa, as mais diversas possibilidades e modos de vida. A literatura amazônica, por exemplo, mostrou-se, no decorrer dos anos, ser uma produção na qual, majoritariamente, vem sendo descrita sob a ótica dos mais variados escritores, ou seja, criam suas obras literárias registrando e revelando o imaginário, a história, a cultura e a identidade desta região do Brasil. Desta forma, no presente estudo, à luz da teoria da literatura, faz-se uma breve análise do conto “A Salga”, de Peregrino Júnior. De modo geral, o objetivo é analisar e mostrar as características do imaginário amazônico presente na narrativa.

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Identidade. Amazônia.

1. Introdução

A literatura reflete-se na capacidade do ser humano em se expressar através das palavras, ou seja, por meio desta primorosa arte somos levados, de forma inexplicável, a mundos distintos, conhecemos e acompanhamos a trajetória de personagens fictícios, em uma determinada época, na qual, diante da visão do narrador, vamos nos envolvendo e conhecendo uma nova história. Diante disso, neste estudo, apresenta-se, de modo geral, uma breve análise do conto “A Salga”, de Peregrino Júnior. Objetiva-se, com isso, analisar e mostrar as características do imaginário amazônico presente na narrativa.

2. Breve análise

O conto se desenrola em uma região rica em cultura, histórias e identidades, ou seja, essa primorosa narrativa acontece no imaginário da Amazônia brasileira. Por tratar-se de um conto amazônico, a maioria dos nomes dos personagens, por sua vez, é de origem indígena, a saber: *Canutu*, *Cabocla*, *Cunhatã*, *Possidônio*.

Logo, temos a partir da visão heterodiegética do narrador, a des-

crição das peculiaridades do homem da Amazônia, que vai se articulando em uma trama que revela, sobretudo, a forma como é a vida, imaginário, costumes e o léxico desta região do Brasil.

O narrador, especificamente, é heterodiegético, isto é, narra a história não sendo dela personagem, ao passo que, os personagens, elementos indispensáveis na obra literária, são os seguintes: *Canuto* (pai), *Raimunda Conceição* (mãe), *Conceição* (filha), pajé *Possidônio* (avô), *boto*, *Totonho* (Antônio Condeixa), *Miguel Jorge* (organizador da festa do Divino) e o coronel *Borborema* (sujeito muito respeitado e dono das terras à margem do rio).

A narrativa possui uma sequência linear e se encontra dividida, estruturalmente, em dez subtítulos, são eles: 1º) *Um cabra disposto*; 2º) *A Cunhatã*; 3º) *Totonho cheira-sovaco-de-moça*; 4º) *O mocó*; 5º) *A canoa do divino*; 6º) *O boto*; 7º) *O tempo da salga*; 8º) *Batendo o lago*; 9º) *A ronda dos jacarés* e, por fim, 10º) *Confissão e castigo*.

No plano da história, mais precisamente, temos inicialmente a apresentação de Canuto, “homem de poucas palavras, mas sabia dar seu recado” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 84). Casa-se, na sequência, com *Raimunda Conceição* (Cabocla), com quem tem a filha *Conceição* (Cunhatã). *Canuto*, personagem principal, passa a viver para sua esposa e filha.

O tempo é cronológico, constata-se a descrição de vários dias, ou seja, a história ocorre tanto de dia como de noite. O espaço, já destacado inicialmente, é a região Amazônica. O conflito, de modo geral, é a gravidez de *Conceição*, que alegou ter sido obra do *boto*, porém, seu pai, *Canuto*, não acreditou, investigou e puniu o culpado. Tem-se, portanto, nesse sentido, um fato comum e muito utilizado pelas moças que engravidavam sem estarem casadas na região Amazônica.

Em alguns casos, ou melhor, na maioria, a família acreditava; no entanto, nessa história, isso não vigorou, pois como diz *Canuto*: “– Boto nada, mulher besta! Deixa estar, que eu vou caçar o condenado que fez mal à cunhatã, e quando topar com o miserável, dou cabo na vida dele!” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 98). Dito e feito, *Canuto* já desconfiado, passou a investigar. No momento da descoberta, *Condeixa*, acovardado, diz o seguinte: “– Não me mate não, Seu Canuto, que não fui eu que fiz mal a ela! Jurou pela alma de minha mãe: sua filha me levantou um falso! Não fui eu não, Seu Canuto!” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 105).

Canuto, neste momento, “[...] rangeu os dentes com ódio. Estava ali, diante dele, o miserável que desgraçara sua filha, confessando tudo, mesmo sem ele perguntar” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 105). Em seguida, *Canuto* mata *Condeixa* e: “Na luz calma do luar, ficou boiando, em volta do regatão, a garatuja vermelha de uma nódoa de sangue”. (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 105).

O conto possui diversos elementos da oralidade, o “pra”, por exemplo, muito utilizado na fala, é escrito tal qual, como podemos observar, a seguir, na frase: “- Ô coisa ruim pra eu achar boa!” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 83). Essa e várias outras palavras, além do léxico local, estão registradas na narrativa. Desta forma, temos palavras utilizadas na oralidade em textos de cunho literário. Tal fato corrobora para o enriquecimento da obra, pois, a literatura é a descrição, reflexão e questionamento do ser humano em sua completude e complexidade, enquanto ser participante de uma ficção que pode ou não ser real.

Por conseguinte, o modo como os personagens falam e interagem nos leva a uma descrição da Amazônia como local diferente, embora, neste conto, não haja a descrição da floresta, rios e sim do homem. O *bototo*, como já destacado acima, é um elemento do imaginário amazônico, as moças engravidavam e, conseqüentemente, atribuíam a culpa a esse animal.

Explorando mais um pouco os traços da oralidade no texto, temos: “- Gom sua lizença... fou ali, já folto!” (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 104). A Amazônia é um local em que transitam pessoas das mais variadas partes do mundo, a fala acima, talvez, seja de um personagem que carrega em sua fala resquícios de outra língua, embora, esteja se habituando à língua portuguesa.

Enfim, esse e outros traços aproximam o texto do leitor, pois mostram como, de fato, são os diálogos humanos. A oralidade é muito rica, constitui-se um elemento da identidade do sujeito (RUI, 1987, p. 53); esse elemento na literatura vem a enriquecer, ainda mais, o texto literário, mostrando a dinamicidade e conflitos presentes nas relações humanas.

Canuto, a exemplo de outros pais, resolveu o problema de uma forma diferente, ou seja, assassinou o pai do seu futuro neto. Fatos iguais a esses, são uma constante em várias partes do mundo, um pai não aceita a desonra de uma filha, principalmente, quando ela engravida.

O regatão, sujeito mercador que negociava produtos e especiarias com os seringueiros, é participante da história. Esses mercadores viaja-

vam nos rios amazônicos, negociando, seja vendendo, seja trocando produtos, em uma época em que não havia estradas, isto é, a região não tinha ainda sido tão explorada.

Outro aspecto cultural e interessante de ser destacado é a festa do Divino Espírito Santo, procissão e festa católica organizada por *Miguel Jorge* no conto. Trata-se, contudo, de mais um elemento que revela a devoção e fé do povo amazônico. Desse modo,

Dois tambores, nas canoas, anunciavam a passagem do cortejo no silêncio verde dos igarapés e paranás, dos furos e rios, dos paranás-mirins e igapós.

Bum... Bum... Quitibum... Bum...

As barraquinhas das margens se abriam, contentes, à passagem das “monetárias do Divino”, e das pontes de atracação, repletas de homens, mulheres e crianças, que lhes acenavam com bandeiras e gestos de alegrias, recebiam elas homenagens e esmolos. (PEREGRINO JÚNIOR, 1975, p. 92).

De acordo com o *Dicionário Aulete online* (s./d.) *Salga* “é o ato de salgar o peixe ou carne”; trata-se, em outras palavras, de uma técnica de conservação dos alimentos utilizando o sal.

Não obstante, o nome do conto é, provavelmente, *Salga* porque *Canuto* queria, como a maioria dos pais, conservar e, sobretudo, proteger sua filha, pois ele a amava muito, tanto que não aceitou a sua desonra e, diante da covardia do responsável em não assumir a culpa, ceifou a sua vida.

Por outro lado, ressalta-se que a obra literária permite outras interpretações, pois, trata-se de um texto profundo, do ponto de vista da linguagem, e que revela, sobretudo, o mais profundo e inexpressivo dos seres e da vida humana.

Com base em Glissant (1928, p. 42), pode-se inferir que a literatura é ampla, primeiro porque é produzida em um determinado local e, segundo, porque de algum modo aborda temas universais que perpassam as gerações, estando o tempo todo atual para os mais diversos momentos e contextos da vida.

No caso específico do conto em tela, trata-se de uma literatura produzida em um local tido como “exótico”, “distinto” e, principalmente, com uma “diversidade” e “complexidade” que, aos poucos, vai sendo registrada a partir do imaginário dos escritores desta e de outras regiões do Brasil.

Nesse sentido, percebe-se, por parte do autor, um retrato da Amazônia como local em que os conflitos são resolvidos de forma violenta, assim como as lendas, mais especificamente a do *boto*, e a fé, festa do Divino Espírito Santo, são elementos fortes e que identificam esse local rico em culturas, ao passo que a figura do coronel simboliza a autoridade que, nos áureos tempos da borracha, influenciou a vida de muitas pessoas que migraram para a Amazônia em busca de riquezas e, de algum modo, a fim de melhorar as suas vidas.

3. *Considerações finais*

Destaca-se, por fim, que a literatura Amazônica tem-se mostrado nos últimos anos operante, pois seus textos revelam e descrevem a partir dos mais variados autores o imaginário e as peculiaridades desta região brasileira. A literatura amazônica, ao descrever a cultura desse local rico em etnias e identidades, tem contribuído para a literatura brasileira, embora deva ser mais bem explorada e valorizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DICIONÁRIO Aulete on-line. Disponível em:

<<http://www.aulete.com.br/salga>>. Acesso em: 18-07-2014.

GLISSANT, Édouard. *Introdução à poética da diversidade*. Trad.: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

PEREGRINO JÚNIOR [João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior]. A Salga. In: _____. *Sombra e luz na Amazônia*. São Paulo: Clube do Livro, 1979.

RUI, Manoel. Eu e o outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1967.